

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Centro de Filosofia e Ciências Humanas  
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais  
Departamento de Filosofia

**O ORIGINÁRIO DO PESSIMISMO SOCIAL FREUDIANO  
EM SUA RELAÇÃO COM O PROJETO CIVILIZATÓRIO**

MATHEUS FELIPE MATTOS BRANDÃO DA COSTA

Rio de Janeiro

2021

MATHEUS FELIPE MATTOS BRANDÃO DA COSTA

**O ORIGINÁRIO DO PESSIMISMO SOCIAL FREUDIANO  
EM SUA RELAÇÃO COM O PROJETO CIVILIZATÓRIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção de grau de Licenciatura em Filosofia.

ORIENTADOR: Prof. Dr. Ulysses Pinheiro

RIO DE JANEIRO – RJ

2021

MATHEUS FELIPE MATTOS BRANDÃO DA COSTA

## O ORIGINÁRIO DO PESSIMISMO SOCIAL FREUDIANO EM SUA RELAÇÃO COM O PROJETO CIVILIZATÓRIO

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Departamento de  
Filosofia da UFRJ – Universidade Federal  
do Rio de Janeiro – como requisito parcial  
para obtenção do grau de Licenciatura em  
Filosofia.

### BANCA EXAMINADORA

*Ulysses Pinheiro*

Nota: 9,0

---

9,0

Professor Dr. Ulysses Pinheiro (orientador)

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

*Fabiano Lemos*

Nota: 9,0

---

9,0

Professor Dr. Fabiano Lemos

UERJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

*Carla Rodrigues*

Nota 10 (dez)

UFRJ  
Profª Dra. Carla Rodrigues  
PPGE | FCS | UFRJ  
SOPR/1997/14

---

10,0

Professora Dra. Carla Rodrigues

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

**NOTA FINAL: 9,5**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço sinceramente,

Em pleno outubro rosa, à minha mãe, Simone Brandão, que venceu o câncer de mama. E que também me ensinou a perder sem desistir.

Ao meu pai, Christian Vidal, que me apoiou até aqui e que sempre vai ser o professor Christian. E sempre vai ser meu professor.

Aos meus bisavós Regina e João Mattos, por eu ter o imenso privilégio de desfrutar de cada um dos meus 25 anos ao lado de vocês. Obrigado por me nutrirem em tantos sentidos; por tantos colos e afetos.

À minha avó Vera Mattos, pelo suporte sempre tão intenso e amor veríssimo.

Ao professor Ulysses Pinheiro, por quem fui orientado na iniciação científica e agora nesta monografia. Sou muito grato pela paciência, pelo acolhimento, compreensão, direcionamentos interessantes e indicações inspiradoras. Você foi muito decisivo na minha formação.

Aos professores Carla Rodrigues e Fabiano Lemos, os quais admiro por suas aulas afiadas, e aos quais sou grato por aceitarem prontamente fazer parte da banca avaliadora, mesmo com o prazo tão curto, contribuindo para minha finalização do curso.

A todos os demais professores da casa, pelas encantadoras partilhas e por me oferecerem uma excelente formação para além do âmbito estritamente acadêmico.

Ao professor Marcelo Giglio, do ensino médio, com quem eu não teria aulas formalmente, mas que permitia que eu as assistisse como ouvinte. Obrigado pela generosidade, pelos brilhos nos olhos e por me contagiar com a dimensão fascinante do saber.

A todos os meus amigos próximos (e distantes, mas próximos), inclusive familiares, pela maravilhosa companhia, pela preocupação genuína (“e a faculdade?”) e por poder contar com vocês. De verdade. Contem comigo. Mesmo.

E por fim, ao meu amigo querido João Lobato, sem o qual eu não teria escolhido esse curso. Me tornei muito mais eu graças a você. “Regras e responsabilidades. Estes são os laços que nos atam. Fazemos o que fazemos por sermos quem somos. Se fizessemos diferente, não seríamos nós mesmos. Farei o que devo fazer. E farei o que for preciso.” (Sandman, Entes Queridos, Parte XI)

## Sumário

### SEÇÃO 1:

INTRODUÇÃO.....	6
-----------------	---

### SEÇÃO 2:

A FORMAÇÃO DO PROJETO CIVILIZATÓRIO.....	9
--	---

#### SEÇÃO 2.1:

A PSICOGÊNESE DO MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO.....	14
--	----

#### SEÇÃO 2.2:

A CULPA COMO UM MAL-ESTAR.....	23
--------------------------------	----

#### SEÇÃO 2.3:

A PERSPECTIVA DO PENSAMENTO PESSIMISTA SOCIAL EM FREUD.....	27
---	----

### SEÇÃO 3:

CONCLUSÃO.....	29
----------------	----

### SEÇÃO 4:

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	31
---------------------------------	----

## 1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa é referente às primeiras investigações a respeito da origem do pensamento inevitavelmente pessimista de Freud em relação ao projeto civilizatório. O trabalho traz um aprofundamento na teoria freudiana da cultura, mostrando a concomitância conflituosa entre civilização e sexualidade, como o exposto na obra *O mal-estar na civilização*. Diante dos seus estudos, Freud sugere que a consciência moral e os sentimentos éticos não são instâncias inatas, mas sim construções que surgem diante de uma necessidade de convivência em comunidade, a fim de controlar as forças da natureza e da agressividade humana. Além disso, Freud (1930) define o mal-estar como essencialmente a presença do sentimento de culpa, caracterizando-o como o maior obstáculo ao projeto civilizatório.

Conforme as teorias psicanalíticas freudianas, o mal-estar atrela-se a este sentimento de culpa, tendo em vista que esse mal-estar simboliza um impasse do sujeito, a impossibilidade deste de adequar-se a um modelo de comportamento, pensamento ou crença universal que é imposto a esse indivíduo pelo outro. Esse modelo promove o sentimento de culpa, na medida em que estabelece um determinado limite para a satisfação desse sujeito.

Sendo assim, a pesquisa vai buscar determinar, como problema central, em que medida é possível vincular a percepção de Freud em relação ao inerente mal-estar da sociedade. Igualmente, a partir do desenvolvimento desse problema, a presente pesquisa sustentará como hipótese que essa compreensão do modelo civilizatório, segundo Freud, é inevitavelmente pessimista em função do mal-estar instaurado na civilização.

Com o objetivo de aprofundar o tema, o trabalho apontará estudos referentes às discussões psicanalíticas e filosóficas acerca das questões que permeiam os princípios éticos e morais predominantes na civilização, e a influência desses fatores para uma compreensão inerentemente pessimista do autor proposto no decorrer da realização desse projeto. Tais questões trazem, de acordo com a proposta do autor citado, uma reflexão acerca dos conflitos entre indivíduo e sociedade, além de seus diversos desdobramentos na vida civilizada. Sendo assim, estudar as primeiras investigações acerca da ética e da moral em Freud serve de complemento e alicerce para diversas áreas do conhecimento, tais como: antropologia, sociologia, psicologia, dentre outras.

Considerando que o assunto abordado ainda se mostra vigente, o projeto busca melhor compreender essas temáticas dialogando com autores e obras que retratam princípios da constituição da natureza humana em sociedade e também dos fenômenos sociais provenientes dessa constituição, verificando-se a sua relevância no contexto contemporâneo.

Antes de começarmos o desenvolvimento deste trabalho, estabeleçamos os objetivos que darão parâmetros à pesquisa e indicarão os resultados que se pretendem alcançar com as considerações aqui colocadas. Definem-se como objetivos gerais deste trabalho apresentar o pensamento pessimista freudiano, em relação ao projeto civilizatório, bem como explicar sua relação específica com o mal-estar da civilização. Trata-se, pois, de descrever a noção da psicogênese do mal-estar da civilização, demonstrando o conceito de renúncia pulsional, segundo Freud, ilustrando a noção psicanalítica e freudiana da formação do projeto civilizatório ocidental e esclarecendo a progressão da gênese do pessimismo social em relação ao mal-estar, segundo o autor. O trabalho vai apresentar pesquisas correspondentes nas obras de Freud, além de completá-las com estudos de outros autores que abordam questões similares ao tema proposto.

O desenvolvimento das ideias do presente trabalho vai começar pela caracterização geral da formação do projeto civilizatório (já que o objetivo deste trabalho é situar as relações entre mal-estar e civilização. Esse segmento vai procurar mostrar o ponto de vista de Freud sobre a constituição da civilização; segundo ele, a própria construção da sociedade civilizada é a fonte primordial do descontentamento humano. Assim, será possível perceber que, segundo o autor, os indivíduos são essencialmente inimigos do processo civilizatório, mesmo que pareça que tal processo é objeto de interesse universal (FREUD, 1927, pág. 88). Sendo assim, em prol da convivência social, o ser humano dará início a um seguimento de repressão de seus desejos. O indivíduo deverá, necessariamente, de renunciar aos instintos para que o processo civilizatório tenha continuidade; esses fatores são inerentes segundo Freud e estabelecem as regras em que a sociedade é pautada. De acordo com isso, o principal inibidor das satisfações pulsionais do homem é a cultura, que com suas exigências vai criar mecanismos de ordem psíquica na tentativa de remediar as perdas causadas pela repressão do desejo. É o conflito entre as necessidades pulsionais e as restrições da constituição da civilização que vai gerar o mal-estar do homem. Ao mesmo tempo em que a inibição traz consequências diretas a psique do ser humano, esta é necessária para o relacionamento entre os homens.

Tais restrições acontecem primordialmente no âmbito da sexualidade e operam nas escolhas sexuais do indivíduo, determinando o que é aceitável como objeto sexual. No entanto, também podem ser vistas em questões como a da agressividade, que deve ser controlada e reprimida para a boa convivência em sociedade. Ainda assim, os instintos não permitem que a busca pela felicidade seja abandonada, ainda que não possa ser alcançada em sua completude, intensificando o mal-estar mediante aos sacrifícios da pulsão.

Nenhum desses caminhos nos leva a tudo o que desejamos. A felicidade, no reduzido sentido em que a reconhecemos como possível, constitui um problema da economia da libido do indivíduo. Não existe uma regra de ouro que se aplique a todos: todo homem tem de descobrir por si mesmo de que modo específico ele pode ser salvo. Todos os tipos de diferentes fatores operarão a fim de dirigir sua escolha. É uma questão de quanta satisfação real ele pode esperar obter do mundo externo, de até onde é levado para tornar-se independente dele, e, finalmente, de quanta força sente à sua disposição para alterar o mundo, a fim de adaptá-lo a seus desejos. Nisso, sua constituição psíquica desempenhará papel decisivo, independentemente das circunstâncias externas (FREUD, 1930, pág 148).

A partir disso, será possível desenvolver neste trabalho os preceitos do mal-estar, ou sentimento de culpa, buscando provar que o modelo civilizatório segundo Freud é inerentemente pessimista, justamente por conta desse mal-estar gerado pela repressão das satisfações pulsionais.

## **2. A FORMAÇÃO DO PROJETO CIVILIZATÓRIO**



Em relação à constituição da civilização, segundo Freud, apresenta-se tudo aquilo através do qual tentamos nos proteger da ameaça das fontes do sofrer. Em outras palavras, é própria civilização que surge como fonte da infelicidade humana. É importante acrescentar que a origem do nosso sofrimento provém de três fontes: a prepotência da natureza humana, a fragilidade de nosso corpo e a insuficiência das normas que regulam os vínculos humanos na família, no Estado e na sociedade.

Freud ainda desenvolve alguns questionamentos acerca das possíveis razões que permeiam certa hostilidade em relação aos indivíduos civilizados para com a civilização na qual pertencem, citando como hipótese a vitória do cristianismo sobre as religiões pagãs, colocando essa condição como uma depreciação da vida terrena em razão das práticas da vida cristã (FREUD, 1930, pág. 31).

Em linhas gerais, a palavra “civilização” representa a soma total das realizações e instituições que afastam o exercício da nossa vida animal, dos nossos antepassados, possuindo duas finalidades: a proteção do ser humano contra a natureza e a regulamentação das relações entre os indivíduos. (1930, pág. 34).

Faz-se necessário esclarecer o sentido da palavra “cultural” nesta obra, que aqui aparece como toda e qualquer atividade e valor que seja útil para o ser humano.

Sobre esse aspecto do que é cultural não parece haver dúvida. Se voltarmos suficientemente atrás no tempo, os primeiros atos culturais foram o uso de instrumentos, o domínio sobre o fogo, a construção de moradias (FREUD, 1930, pág. 34).

Aponta-se também para a característica do indivíduo civilizado de preocupar-se com coisas que não necessariamente lhe são úteis, esse elemento considerado a priori como algo inútil refere-se à beleza, à limpeza e à ordem.

Exigimos que o homem civilizado venere a beleza, onde quer que ela lhe surja na natureza, e que a produza em objetos, na medida em que for capaz de fazê-lo. Isso está longe de esgotar o que reivindicamos da civilização. Requeremos ainda ver sinais de limpeza e ordem. (FREUD, 1930, pág. 37).

Compreende-se dessa forma que a sujeira é um elemento inconciliável com a civilização, complementando tal exigência de limpeza até mesmo para o nosso próprio corpo. Diante disso, também se inclui a ordem como uma exigência que ultrapassa os limites exteriores, relacionados propriamente ao meio, tanto a limpeza como a ordem estão relacionadas diretamente a obra humana.

De acordo com Freud (1930), a ordem mostra-se como uma espécie de compulsão de repetição. Sendo assim, a ordem pode resolver como, onde e como algo deve ser

realizado. Além disso, ainda de acordo com o autor, a ordem permite ao ser humano um aproveitamento temporal e espacial mais eficiente.

Beleza, limpeza e ordem ocupam claramente um lugar especial entre as exigências culturais. Ninguém dirá que elas são importantes para a vida como o domínio das forças naturais e outros fatores que ainda veremos, mas ninguém as porá em segundo plano, como coisas acessórias. O fato da civilização não considerar apenas o que é útil já se mostra no exemplo da beleza, que não desejamos ver excluída dos interesses da civilização. A vantagem da ordem é evidente, quanto à limpeza, devemos considerar que é também requerida pela higiene, e podemos conjecturar que esse nexos não era inteiramente desconhecido antes da época de prevenção científica das doenças (FREUD, 1930, pág. 38 e 39).

Freud conclui que nenhum traço poderia explicitar e descrever melhor a civilização senão a afeição e o cultivo das atividades psíquicas mais elevadas. O autor afirma que dentre essas ideias existem alguns fenômenos que se destacam, tais quais: os sistemas religiosos, as especulações filosóficas e as denominadas construções ideais dos seres humanos. No que concerne aos ideais mencionados anteriormente, se esclarece que esses elementos se referem a uma possibilidade de perfeição de determinados indivíduos, de uma comunidade, ou até mesmo toda a humanidade, estabelecendo uma exigência imposta a essas mesmas concepções (FREUD, 1930, pág. 39).

Por fim, o último traço que caracteriza a civilização é relativo à maneira como as relações humanas dirigem-se, ou seja, suas relações intrapessoais e interpessoais.

Resta-nos apreciar o último dos traços característicos da civilização, que certamente não é dos menos importantes: o modo como são reguladas as relações dos homens entre si, as relações sociais, que dizem respeito ao indivíduo enquanto vizinho, enquanto colaborador, como objeto sexual de um outro, como membro de uma família e de um Estado (FREUD, 1930, pág. 40).

No mesmo sentido, a evolução cultural que é própria do processo civilizatório desenvolve mudanças nas disposições instintuais humanas.

Alguns desses instintos são absorvidos de maneira tal, que em seu lugar aparece o que no indivíduo descrevemos como traço de caráter. O mais notável exemplo desse fato achamos no erotismo anal da criança. Seu interesse original na função excretora, nos órgãos e produtos dela, transforma-se, durante o crescimento, no grupo de características que conhecemos com parcimônia, sentido da ordem e limpeza, que, valiosas e bem-vindas em si, podem exacerbar-se até adquirir um marcante predomínio, e resultar no que chamamos caráter anal. (FREUD, 1930, pág. 42).

Em relação às delimitações do erotismo anal, Freud compreende que certos indivíduos caracterizam-se através de uma combinação regular de características, sendo essas características denominadas *ordeiras*, *parcimoniosas* e *obstinadas*. Referindo-se à ordem, compreende-se que o sentido se refere ao cuidado extremo individual, bem como à integridade na realização de pequenas atividades, ou seja, ao empenho em realizá-las de

maneira cautelosa. Quanto à parcimônia, de acordo com o apresentado, diz respeito à avareza exagerada. Por fim, as obstinações são possibilidades de comportamentos rebeldes e a possível associação a ímpetos vingativos. Diante do exposto, Freud esclarece ainda que, quanto à parcimônia e à obstinação, há uma relação mais fundamental: a ordem. Na verdade, existe uma relação mútua entre as três instâncias mencionadas (FREUD, 1908).

É fácil inferir da história da primeira infância desses indivíduos que os mesmos dispenderam um tempo relativamente longo para superar sua incontinência alvi [incontinência fecal] infantil, e que na infância posterior sofreram falhas isoladas nessa função. Quando bebês parecem ter pertencido ao grupo que se recusa a esvaziar os instintos ao ser colocado no urinol, porque obtém um prazer suplementar ao ato de defecar, pois nos revelam que em anos posteriores gostavam de reter as fezes, e se lembram embora atribuam o fato mais facilmente em relação a irmãos do que a si mesmos- de ter feito toda uma série de coisas indecorosas com suas fezes. Deduzimos de tais indicações que essas pessoas nasceram com uma constituição sexual na qual o caráter erógeno da zona anal é excepcionalmente forte. Mas como não há resquícios dessas fraquezas idiossincrasias após o término de suas infâncias, devemos concluir que no decurso do seu desenvolvimento a zona anal perdeu sua significação erógena. É de se suspeitar que a regularidade com que essa tríade de propriedades apresenta-se no caráter dessas pessoas possa ser relacionada com o desaparecimento do erotismo anal (FREUD, 1908, pág. 93).

Freud ainda elucida a semelhança entre o processo civilizatório e o desenvolvimento libidinal dos indivíduos, ressaltando o predomínio e relevância da *sublimação* para com o desenrolar da evolução cultural, tendo em vista que o fenômeno da sublimação torna possível as manifestações científicas, artísticas e ideológicas do ser humano. Ainda em relação ao processo da sublimação (FREUD, 1908), criam-se na psique formações reativas, ou contraforças, como a vergonha, o nojo, a repugnância e, por fim, a moralidade.

Cedendo a primeira impressão, seríamos tentados a dizer que a sublimação é o destino imposto ao instinto pela civilização. É melhor refletirmos mais sobre isso, porém. Em terceiro lugar, enfim, e isso parece ser o mais importante, é impossível não ver em que medida a civilização é construída sobre a renúncia instintual, o quanto ela pressupõe justamente a não satisfação (supressão, repressão, ou o quê mais?) de instintos poderosos. Essa “frustração cultural” domina o largo âmbito dos veículos sociais entre os homens; já sabemos que é a causa da hostilidade que todas as culturas têm de combater. (FREUD, 1930, pág. 42 e 43).

Conclui-se, portanto, que a civilização, segundo Freud (1930, pág. 44), objetiva-se pela atividade dos indivíduos de controlarem as forças da natureza e aprimorarem sua condição de vida na Terra por meio do trabalho. Com resquícios da vida primitiva do ser humano, este estabelece outros tipos de relações, como as familiares, que provêm de vínculos amorosos.

Ainda antes, em sua pré-história antropeide, ele havia adotado o hábito de construir famílias; os membros da família foram provavelmente os seus primeiros ajudantes. É de supor que a formação da família relacionou-se ao fato de a necessidade de satisfação genital não mais se apresentar como um hospede, que surge repentinamente e após a partida não dá notícias por muito tempo, mas sim estabelece-se como um inquilino. Assim o macho teve um motivo para conservar junto a si a mulher ou, de modo mais geral, os objetos sexuais; as fêmeas, que não queriam separar-se de seus filhotes desamparados, também no interesse deles tinham que ficar junto ao macho forte. Nessa família primitiva anda falta um traço essencial da civilização, a arbitrariedade do pai e chefe que não tinham limites (FREUD, 1930, pág. 44 e 45).

Igualmente, no decorrer de sua obra *Totem e tabu*, Freud afirma que a superação do emblema paterno constituiu o primeiro “Direito”, trazendo à vida humana em comum a propriedade de ser concebida por um duplo fundamento: a compulsão ao trabalho e o poder do amor, explicitado pelo vínculo de união entre um homem e uma mulher, entre a mulher e seus filhos. Dessa forma, Freud compreende *Eros* (libido) e *Ananke* (força ou restrição) como os “pais” da cultura (1930, pág. 46).

Seguindo o mesmo raciocínio, compreende-se que essa derivação de um processo civilizatório e a inércia da libido provêm da antítese civilização e sexualidade, compreendendo que o amor sexual corresponde ao amor entre dois indivíduos. No entanto, resta um terceiro indivíduo que não apresenta tanta relevância na constituição desse amor e às vezes, além de não ser relevante, esse terceiro integrante pode ser importuno (1930, pág. 53).

Levando-se em conta que a civilização agrega diversos vínculos entre muitas pessoas, uma relação amorosa não constitui um interesse geral que inclua o resto dos indivíduos do mundo. O par da relação amorosa é suficiente para si, ele se basta a si mesmo. Em vista disso, a nossa realidade mostra que a civilização não se satisfaz somente com esse tipo de vínculo, ela requer a união libidinal de todos os membros de uma comunidade. Salienta-se ainda, que mediante a tal exposição, existe ainda na nossa civilização uma exigência ideal proveniente de preceitos do cristianismo.

“Ama teu próximo como a ti mesmo” (Mateus 22,39), diz a frase que é conhecida por todo mundo, em que Freud (1930) afirma ser sem dúvida uma expressão mais velha que o próprio cristianismo, mas que representa em si a maior reivindicação da religião como seu preceito fundamental. A crítica do autor à citação vai ser pautada na tentativa da frase de negar as tendências agressivas naturais do ser humano e fazê-las parecerem aprazíveis. Freud ainda questiona diversas vezes o tamanho da maldade dos homens e como estes não são merecedores desse “amor”.

Entende-se que o amor ao próximo surge como um ideal, elaborado e desenvolvido por meio da cultura. A obrigação no exercício do trabalho e a força do amor, que fundam a comunidade humana, não bastam para garantir a sua própria conciliação. Se por um lado o interesse racional da cooperação não é tão potente quanto a tendência à agressão, por outro, o amor sexual não une senão duas pessoas excluindo o resto do mundo.

Portanto, de uma maneira geral, a civilização, segundo Freud (1927), é entendida como uma tentativa de traçar um caminho em direção ao aperfeiçoamento do homem. Essa mesma comunidade, objetiva-se em controlar as forças da natureza e extrair a riqueza necessária para satisfazer as demandas dos indivíduos, além de estabelecer regras que possuem a finalidade de regular as relações entre os mesmos e a distribuição da riqueza disponível. Freud considera exequível que a sociedade seja regulada por uma minoria capaz de dominar suas pulsões, de modo a fazer a renúncia das mesmas e servir de exemplo para o resto da comunidade.

## **2.1 A PSICOGÊNESE DO MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO**

A obra *Mal-estar na civilização*, de Sigmund Freud, publicada em 1930, ilustra os resultados da cultura, ou seja, a maneira interveniente da cultura de produzir o

sentimento de mal-estar na humanidade. Por isso, entende-se, de acordo com o *Dicionário de Psicanálise*<sup>1</sup>, que a civilização é propriamente o “culturalismo”. Freud apresenta em sua obra uma teoria da cultura, no qual civilização e sexualidade aparecem inerentemente em conflito, demonstrando que a repressão e sublimação dos instintos sexuais constituem as principais causas dos transtornos psíquicos que possuem os indivíduos civilizados e também os caminhos que levam esse indivíduo a manter-se sempre afastado da felicidade.

De acordo com o exposto, inicialmente faz-se necessário demarcar ordenadamente os principais aspectos que contribuem e fomentam o sentimento de mal-estar na civilização. Freud (1930) inicialmente afirma que nada nos traz maior segurança do que o próprio sentimento de nós mesmos:

*Eu*, al. Ich; esp. yo; fr. moi; ing. ego.

Termo empregado na filosofia e na psicologia para designar a pessoa humana como consciente de si e objeto do pensamento. No Brasil, também se usa “ego”. Retomado por Sigmund Freud\*, esse termo designou, num primeiro momento, a sede da consciência. O eu foi então delimitado num sistema chamado primeira tópica\*, que abrangia o consciente\*, o pré-consciente\* e o inconsciente\*. A partir de 1920, o termo mudou de estatuto, sendo conceituado por Freud como uma instância psíquica, no contexto de uma segunda tópica que abrangia outras duas instâncias: o supereu\* e o isso\*. O eu tornou-se então, em grande parte, inconsciente. Essa segunda tópica (eu/isso/supereu) deu origem a três leituras divergentes da doutrina freudiana: a primeira destaca um eu concebido como um polo de defesa\* ou de adaptação à realidade (Ego Psychology\*, annafreudismo\*); a segunda mergulha o eu no isso, divide-o num eu [moi] e num Eu [je] (sujeito\*), este determinado por um significante\* (lacanismo\*); e a terceira inclui o eu numa fenomenologia do si mesmo ou da relação de objeto\* (Self Psychology\*, kleinismo\*). (ROUDINESCO, 1944, pág. 210).

Este “Eu” surge como autônomo, unitário e bem demarcado de tudo. Apesar do exposto, essa aparência é enganosa, tendo em vista que o “Eu” se prolonga para o interior, sem fronteira nítida, em uma entidade psíquica inconsciente. Tal instância anteriormente citada denomina-se por “Id”. No entanto, voltando-se para o exterior, o “Eu” parece manter limites claros e precisos (1930, pág. 9).

Pode-se perceber, de acordo com o autor, que o sentimento do “Eu” mudou desde sua aparição originária. Como exemplo, dado o exposto, o bebê lactante não separa seu “Eu” de um mundo exterior, aprende a fazê-lo aos poucos, em resposta aos estímulos diversos. Inicialmente, existem diversas fontes de excitação, que enviam sensações a qualquer momento, provindas dos próprios órgãos do bebê. A sensação mais desejada por este é aquela que vem da amamentação. (1930, pág. 10).

---

<sup>1</sup> ROUDINESCO, Elizabeth. 1944.

“Está claro, além disso, que o ato da criança que chucha é determinado pela busca de um prazer já vivenciado e agora relembado. No caso mais simples, portanto, a satisfação é encontrada mediante a sucção rítmica de alguma parte da pele ou da mucosa. É fácil adivinhar também em que ocasiões a criança teve as primeiras experiências desse prazer que agora se esforça por renovar. A primeira e mais vital das atividades da criança - mamar no seio materno (ou em seus substitutos) - há de tê-la familiarizado com esse prazer. Diríamos que os lábios da criança comportaram-se como uma zona erógena, e a estimulação pelo fluxo cálido de leite foi sem dúvida a origem da sensação prazerosa. A princípio, a satisfação da zona erógena deve ter-se associado com a necessidade de alimento. A atividade sexual apoia-se primeiramente numa das funções que servem à preservação da vida, e só depois torna-se independente delas.” (FREUD, 1905, pág. 111).

Em seguida, a partir dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), também somos levados a compreender o “Eu” como o lugar de um sistema pulsional do qual irão diferenciar-se as pulsões sexuais. As pulsões do eu, portanto, reservam-se à auto-conservação do indivíduo, acrescentando todas as necessidades primárias orgânicas não sexuais do mesmo (ROUDINESCO, 1944).

Freud comenta que: “O Eu contrapõe-se, inicialmente, a um “objeto” como algo que se acha “fora” e somente através de uma ação particular é obrigado a aparecer” (1930, pág. 10).

Acrescenta-se outra maneira de incentivo para que o “Eu” se desprenda da massa de sensações, para que esse “Eu” reconheça uma esfera exterior. Isso se dá em função das frequentes, variadas e inevitáveis sensações de dor e desprazer, que o princípio do prazer busca eliminar e evitar (1930, pág. 10).

É relevante para o entendimento do que fora descrito anteriormente trazer um breve retorno a elementos da obra *A interpretação dos sonhos*, de Freud (1900), para elucidar o prazer e o desprazer em linhas gerais. Nessa obra, mais precisamente no capítulo “Psicologia dos Processos Oníricos”, pode-se compreender o aparelho psíquico como um instrumento composto por “sistemas” capaz de apresentar, seguindo uma compreensão tópica, as relações entre Pré- Consciente, Inconsciente e Consciente.

Em primeiro lugar, Freud sugere que o aparelho psíquico representa um instrumento que serve para a atuação das atividades psíquicas, trazendo como exemplificação a analogia do microscópio. Em linhas gerais, esse aparelho formado por sistemas psíquicos ( $\Psi$ ) possui uma direção, esclarecendo que todas as atividades psíquicas dos indivíduos são oriundas de estímulos internos e externos, terminando em inervações. Diante do exposto, compreende-se que existe uma extremidade sensível (polo perceptivo externo) e uma extremidade motora. Contemplando a extremidade sensível, encontra-se um sistema que recebe as percepções, por outro lado, no que tange a extremidade motora,

podemos relacioná-la a competência da mobilidade. No geral, o processo psíquico transcorre da extremidade perceptiva para a extremidade motora (FREUD, 1900, pág. 651).

Ou seja, Freud sugere a existência de um sistema no aparelho, a “Pcp” (percepção), capaz de receber os estímulos perceptivos, mas impossibilitado de conservar tais estímulos recebidos, não possuindo memória. Todavia, o autor aponta a presença de outro sistema capaz de transformar a excitação momentânea do sistema “Pcp” em traços duradouros (associação). Com isso, pode-se compreender que a base da associação provém dos sistemas mnêmicos (FREUD, 1900, pág. 651).

Dessa forma, faz-se necessário, tal como o autor salienta, atribuir-se duas funções para esses sistemas diferentes. Sendo assim, o sistema “Pcp”, que não possui a capacidade de preservar as modificações e que por isso não possui memória, traz à nossa consciência toda a multiplicidade sensível. Contrariamente, muitas de nossas lembranças são inconscientes em si mesmas, ou seja, elas assumem a possibilidade de tornarem-se conscientes, mas produzem seus efeitos no estado inconsciente (1900, pág.651).

Aquilo que chamamos nosso caráter se baseia nos traços mnêmicos das nossas impressões, e justamente as impressões que tiveram o mais forte efeito sobre nós, as de nossa primeira infância, são aquelas que quase nunca se tornaram conscientes. Quando as lembranças se tornam conscientes de novo, porém, não mostram nenhuma qualidade sensorial, ou apenas uma muito insignificante, comparada às percepções. (FREUD, 1900, p. 652).

Posteriormente, Freud percebeu que havia a necessidade de incluir novas acepções para complementar seus estudos acerca da composição do aparelho psíquico, incluindo nesta parte o elemento primordial para o entendimento do Inconsciente: os sonhos e os esclarecimentos psicológicos extraídos dele. Segundo o autor, a formação do processo do sonho supõe a existência de duas instâncias psíquicas, o Pré-consciente “Pc” e o Inconsciente “Ics”. Sendo o pré-consciente a instância que encaminha a atividade do inconsciente a uma crítica, fazendo que essa atividade não se torne consciente (FREUD, 1900, pág. 652).

A instância que critica, concluímos, mantém relações mais próximas com a consciência do que a criticada. Ela se acha entre esta e a consciência, como uma tela protetora. Encontramos também sustentação para identificar a instância crítica com aquilo que orienta nossa vida de vigília e decide sobre nossos atos voluntários, conscientes. Se agora substituirmos essas instâncias por sistemas, conforme nossas suposições, o conhecimento mencionado por último aproxima o sistema que critica da extremidade motora. Agora incluímos os dois sistemas em nosso esquema e expressamos por meio de seus nomes sua relação com a consciência. (FREUD, 1900, p. 653).



Sob o mesmo ponto de vista, compreendemos o pré-consciente como o último dos sistemas, localizado na extremidade motora. Essa localização esclarece a possibilidade dos seus processos de excitação serem capazes de chegar facilmente à consciência. Ressaltando que, para isso, é necessário que se distribuam de forma certa a intensidade da atenção, como por exemplo, no decorrer de sua associação incluem-se vínculos com representações, ou palavras, o que facilita seu acesso às vias conscientes (FREUD, 1900, pág. 654).

Em relação aos sonhos, podemos compreender que há um impulso que determina sua formação. Esse impulso localiza-se no inconsciente. A formação do sonho liga-se aos pensamentos oníricos que fazem parte do sistema pré-consciente. No decorrer dos sonhos, há uma diminuição da censura entre os dois sistemas, Inconsciente e Pré-consciente, sendo essa última constatação uma das formas de se explicar a formação onírica. Existe um jogo de forças (pulsão) que atuam no aparelho psíquico, visando à descarga de energia capaz de evitar o desprazer. O inconsciente busca uma descarga que seja prazerosa, podendo seguir dois tipos de movimentos para esse processo de “descarregamento”: o progressivo (em direção à extremidade motora) e o regressivo (em direção às extremidades sensitivas, perceptivas) (FREUD, 1900, pág. 654).

Paralelamente, explicita-se a dinâmica inconsciente, em síntese, a fim de apresentar a polaridade entre instintos e repressão. De acordo com o autor, a maior parte do aparelho psíquico (anteriormente mencionado e descrito) é inconsciente, e nele encontram-se aspectos que determinam a nossa personalidade e as fontes da energia psíquica, as pulsões e os instintos.

Em relação ao texto, *Os instintos e seus destinos* (1915), Freud traz a noção de “instinto” (Trieb), comportando originariamente estruturas que provêm de uma delimitação fisiológica. Ele nos traz inicialmente o conceito de estímulo em conjunto com o esquema do arco reflexo.

De acordo com essa apresentação, um estímulo externo é direcionado para o tecido vivo, substância nervosa, sendo descarregado para fora por meio de uma ação. Essa ação subtrai a substância estimulada à influência do estímulo, afastando-o de sua ação. Freud ainda traz outra relação, ao apresentar que o instinto representa um estímulo para a psique, acrescentando que o estímulo propriamente instintual não provém do mundo exterior, mas de propriedades interiores do nosso organismo. Além disso, o autor ressalta que o instinto atua sempre como uma força constante. Tendo salientado posteriormente

que o instinto pode ser mais bem sintetizado como uma "necessidade", e o que suprime essa necessidade é a "satisfação" (FREUD, 2010, pág. 41).

Desta maneira, pode-se compreender as características primordiais do instinto como este sendo originário em fontes de estímulos localizados no interior do organismo, surgindo como uma força constante. Dessa forma, possuem um traço de irreducibilidade por meio das ações de fuga. Igualmente, Freud acrescenta outras disposições utilizadas em relação ao conceito de instinto, tais como: impulso, meta, objeto e fonte do instinto (FREUD, 2010, pág. 42).

No que diz respeito ao impulso do instinto, o autor compreende como um elemento motor, que se relaciona à soma de força ou à medida de trabalho que ele dispõe. O caráter impulsivo representa uma característica central e geral dos instintos, é a essência deles. Por outro lado, a meta de um instinto será sempre a satisfação, e esta só pode ser alcançada pela supressão do estado de estimulação na fonte do instinto. O objeto do instinto é o que o possibilita alcançar sua meta (FREUD, 2010, pág. 43-44).

No que tange à fonte do instinto, compreende-se o processo somático em um órgão ou parte do corpo cujo estímulo é representado na psique pelo estímulo. Faz-se necessário salientar que o autor sugere a diferenciação em dois grupos dos instintos, divididos em instintos do "Eu", ou de auto-conservação e os instintos sexuais. Os destinos dos instintos são consequências de três grandes polaridades que "governam" a vida psíquica. No decorrer dessa explicação, o foco será na Repressão dos instintos sexuais (FREUD, 2010, pág. 44).

De acordo com o exposto no texto *A Repressão* (1915), pode-se indubitavelmente, a partir das colocações do autor, perceber que uma das possíveis finalidades do impulso instintual é de encontrar resistências que possam torná-lo inoperante.

“Tratando-se do efeito de um estímulo externo, a fuga seria, obviamente, o recurso adequado. No caso de um instinto a fuga não serve, pois o Eu não pode fugir de si mesmo. Mais tarde se verá na rejeição baseada no julgamento (condenação) um bom recurso contra o impulso instintual. Um estágio preliminar da condenação, um meio termo entre a fuga e a condenação, é a repressão, cujo conceito não podia ser estabelecido na época anterior à pesquisa psicanalítica (FREUD, 2010, p. 63).”

Em vista disso, torna-se circunstância da repressão que o motivo do desprazer obtenha um poder maior que o prazer da satisfação. Com base nos estudos psicanalíticos e também com as neuroses de transferência, Freud percebe que a repressão não pode surgir antes de se produzir uma evidente separação entre a atividade psíquica consciente

e a inconsciente. Em linhas gerais, a essência da repressão está baseada na tarefa de defesa frente aos impulsos instintuais. Ou seja, a essência dessa está em rejeitar e manter tais conteúdos afastados da consciência. Freud nos traz duas fases de atuação vinculadas à repressão. A primeira fase consiste na negação da representante psíquica do instinto no acesso ao consciente. A segunda, todavia, é o estágio da repressão propriamente dita, que afeta os derivantes psíquicos da representante reprimida ou as cadeias de pensamento que foram associadas com ela (FREUD, 2010, pág. 63-64).

Em conformidade com o exposto, a repressão caracteriza-se por ser individual e móvel. Esse processo não ocorre uma única vez e seu resultado é duradouro. Além disso, a repressão exige um gasto constante de energia, tendo como consequência de sua interrupção a necessidade de um novo ato de repressão. Por isso, o elemento reprimido exerce uma contínua pressão em direção ao consciente. Essa pressão deve ser compensada para uma ininterrupta "contrapressão". Sendo assim, impulso instintual é reprimido pela repressão. Simultaneamente, a mobilidade da repressão obtém uma apresentação de acordo com as características psíquicas do sono (FREUD, 2010, pág. 66-67).

Por isso, "O destino geral da ideia que representa o instinto é desaparecer do consciente, se antes era consciente, ou manter-se fora da consciência, se estava prestes a torna-se consciente" (FREUD, 2010, pág. 68).

Paralelamente, o destino do instinto pode se dar por três vias: com sua total supressão, com uma possível alteração de forma qualitativa, ou com sua transformação em angústia. De acordo com as duas últimas vias de destino, há a possibilidade de conversão de energias psíquicas dos instintos em afetos, no caso, a angústia. Destarte, em relação ao processo da repressão, entende-se que ela possui o propósito de evitar o desprazer, ou seja, ser capaz de impedir o surgimento de sensações desprazerosas ou de angústia, impedindo que a ideia que representa o instinto se torne consciente. Sob o mesmo ponto de vista, a partir do que foi proposto no texto *O inconsciente* (1915), entendemos que tudo o que é reprimido tem de permanecer no Inconsciente. No entanto, esse conteúdo reprimido representa apenas uma parte do inconsciente, na medida que ele, possui um espaço muito maior. Igualmente, o inconsciente apresenta sistemas que não seguem uma ordenação cronológica, temporal. Além disso, esses processos não levam em consideração a realidade, sendo sujeitos ao "princípio do prazer" (FREUD, 2010, pág. 77).

“Surge a tendência a isolar do Eu tudo o que pode se tornar fonte de desprazer, a jogar isso pra fora, formando-se um puro Eu-de-prazer, ao qual se opõe um desconhecido e ameaçador “fora”. (FREUD, 1930, pág.13). Portanto, conclui-se que em primeiro lugar o “Eu” abarca tudo, depois separa de si um mundo externo, desligando-se do mundo exterior.

Por essa perspectiva, compreende-se o eu como uma instância intermediária que se liga ao mundo externo através do sistema perceptivo consciente, anteriormente mencionado; sendo assim, a percepção desempenha um papel pacificador.

Pode-se reconhecer em cada indivíduo, segundo Freud, um sentimento “oceânico”, inclinando-o a fazê-lo remontar a uma fase primitiva do sentimento do “Eu”. Surge então uma nova questão, apontada pelo autor: que direito tem esse sentimento de ser visto como a fonte das necessidades religiosas? (FREUD, 1930, pág. 15) Esclarece-se, no entanto, que um sentimento só é capaz de representar uma fonte de energia apenas quando é ele mesmo expressão de uma forte necessidade. (FREUD, 1930, pág. 16).

Com esse termo Rolland designava uma “sensação religiosa”, isto é, o “fato simples e direto da sensação do ‘eterno’”, e a qualificava de “sentimento oceânico”. Freud rejeita de imediato a ideia de que tal sensação possa constituir a essência da religiosidade: a seu ver, ela é, em vez disso, uma repetição do sentimento de plenitude que o bebê experimenta antes da separação psicológica da mãe, sentimento de plenitude este que é característico do eu\* primário, do eu-prazer do qual o eu adulto, um eu apequenado pelo encontro com o princípio de realidade, sente saudade periodicamente. Se acreditamos encontrar nesse “sentimento oceânico” a fonte da necessidade religiosa, é por esquecermos que essa necessidade não é primária, que não passa de uma reformulação da necessidade de proteção pelo pai: o “sentimento oceânico” evocado por Romain Rolland, definitivamente, é apenas uma tendência ao restabelecimento do narcisismo\* ilimitado que é específico do eu primário. Feito esse esclarecimento, Freud recapitula brevemente as teses desenvolvidas em O futuro de uma ilusão: lembra que a vida humana se caracteriza pelo fato de que os objetivos do princípio de prazer\*, a busca do gozo\* máximo e a evitação da dor, não podem ser atingidos, em razão da própria “ordem do universo” (ROUDINESCO, 1944, pág. 490).

Portanto, diante do exposto, Freud esclarece que, quanto às necessidades religiosas, é praticamente irrefutável que a sua derivação seja do desamparo infantil e da nostalgia do pai, despertada por ele, tanto mais que o sentimento não se prolonga simplesmente desde a época infantil, mas é duramente conservado pelo medo ante o superior poder do destino. “(...) No quadro de uma teoria da angústia, o estado de desamparo torna-se o protótipo da situação traumática” (FREUD, 1944, pág. 382-383).

É assim que, em *Inibição, sintoma e angústia* (1926), Freud reconhece uma característica comum aos “perigos internos, perda, ou separação, que provoca um aumento progressivo da tensão, a ponto de, num caso extremo, o sujeito se ver incapaz

de dominar as excitações, sendo submergido por elas — o que define o estado gerador do sentimento de desamparo.” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1988, pág. 112).

Segundo aponta Bergeret (1998), o princípio do prazer surge como um direcionamento de energia ou uma descarga pulsional que se objetiva por atingir a satisfação desejada. Deve-se considerar, no entanto, que tal satisfação não atingirá completamente as expectativas do sujeito, seja por conta de frustrações eminentemente internas, seja por conta de questões socioculturais. É nesse sentido que o princípio da realidade manifesta-se, emergindo como uma censura interna que impede que o indivíduo descumpra com preceitos éticos e morais, a fim de atingir a satisfação de seus desejos.

Sabemos que o princípio de prazer é próprio de um método primário de funcionamento por parte do aparelho mental, mas que, do ponto de vista da autopreservação do organismo entre as dificuldades do mundo externo, ele é, desde o início, ineficaz e até mesmo altamente perigoso. Sob a influência dos instintos de autopreservação do ego, o princípio de prazer é substituído pelo *princípio de realidade*. Este último princípio não abandona a intenção de fundamentalmente obter prazer; não obstante, exige e efetua o adiamento da satisfação, o abandono de uma série de possibilidades de obtê-la, e a tolerância temporária do desprazer como uma etapa no longo e indireto caminho para o prazer” (FREUD, 1920, p. 20).

Acrescenta-se, de acordo com Laplanche e Pontalis (1988), que o princípio do prazer se refere a uma diretriz econômica, já que corresponde ao princípio responsável pelo controle da quantidade de excitação entre a relação do prazer e desprazer para a manutenção da homeostase psíquica. Além disso, o princípio do prazer é regido pela atuação e funcionamento do id, ou isso, a medida que sua primordial característica é diminuir os níveis de tensão existentes no aparelho psíquico (HALL; LINDZEY, 1984).

Baseando-se no princípio da realidade, Laplanche e Pontalis (1988) o consideram como um princípio regulador, já que ele modifica o princípio do prazer no tocante às maneiras de se atingir a satisfação.

Paralelamente, ao desenvolver uma teoria do eu/supereu mais delimitada, baseando-se na estrutura do aparelho psíquico e estudos posteriores, Freud tematiza sobre a consciência moral. Essa última é o resultado do conflito entre as pulsões e a realidade, representando um princípio do processo da renúncia pulsional. Freud (1930), afirma que o supereu não é formado apenas pela introjeção do amor sexual para com os pais, elemento citado no complexo de Édipo, como fora apresentado no texto *O ego e o id* de 1923.

Efeitos sobre a estruturação da personalidade, sobre a constituição das diferentes instâncias, especialmente as do superego e do ideal do ego. Para Freud, este papel estruturante na gênese da tópica intrapessoal está ligado ao declínio do complexo de Édipo e à entrada no período de latência\*. Segundo Freud, o processo descrito é mais do que um recalçamento: "... no caso ideal, equivale a uma destruição, a uma supressão do complexo [...]. Quando o ego não conseguiu provocar mais do que um recalçamento do complexo, este permanece no id em estado inconsciente: mais tarde irá manifestar a sua ação patogênica (LAPLANCHE, PONTALIS, 1988, pág. 80).

Outrossim, Freud ainda aponta para o fato primordial de que não se deve abordar a consciência moral, e suas delimitações, tal qual o próprio mal-estar, sem antes demonstrar a existência e contribuição do supereu.

É então a expressão imediata do medo a autoridade externa, o reconhecimento da tensão entre Eu e esta última, o derivado direto do conflito entre a necessidade do amor dela e o ímpeto de satisfação instintual, cuja inibição gera a tendência a agressão. A superposição dessas duas camadas do sentimento de culpa- uma vindo do medo a autoridade externa, outra do medo a interna- tornou mais difícil enxergarmos a trama da consciência moral (FREUD, 1930, pág. 84).

Similarmente, o sofrer nos ameaça por três perspectivas: o nosso próprio corpo, o mundo externo e por meio das nossas relações com os outros seres humanos. O sofrimento mais doloroso é o que se origina pela terceira perspectiva, sendo abordado como um sofrimento fatidicamente inevitável. Freud explica que é por meio da pressão destas possibilidades que os indivíduos costumam moderar suas pretensões a felicidade, assim como o princípio do prazer se converte no mais modesto princípio da realidade, sob a influência do mundo externo.

## **2.2 A CULPA COMO UM MAL-ESTAR**

Sabe-se que o sentimento de culpa parece estar verdadeiramente articulado com o mal-estar que permeia a civilização ocidental. A culpa, em linhas gerais, surge como um grande conflito no desenvolvimento da civilização e é propriamente atributo dos fenômenos inconscientes, articulados como angústia, podendo se manifestar diante do remorso ou das neuroses.

Ainda segundo Freud (1930), tal sentimento de culpa pode ser encarado como uma variedade topográfica da angústia, e em suas fases posteriores, corresponde ao medo do *supereu*.

Em conformidade com o exposto, entende-se o conceito de supereu como uma instância cuja consciência é responsável por vigiar os atos e intenções do Eu e diante disso, julgar exercendo uma atividade sensória. Quanto ao sentimento de culpa, pode-se explicitar sob a perspectiva de uma manifestação relacionada à dureza do supereu, revelada também como a severidade da própria consciência. Em outras palavras, é a percepção de que existe um Eu, e que esse eu precisa ser vigiado. Dessa forma, o sentimento de culpa pode ser demonstrado como a tensão que se dá mediante os esforços e exigências do supereu e o medo ante essa instancia critica.

Na obra *Mal-estar na civilização*, o fato exposto é demonstrado da seguinte forma:

A necessidade de castigo é uma expressão instintual do Eu, que por influência do supereu sádico tornou-se masoquista, ou seja, emprega uma parte do instinto para destruição interna nele presente para formar uma ligação erótica com o supereu (FREUD, 1930, pág. 83).

Sob o mesmo ponto de vista, Freud destaca que esse sentimento de culpa age como um determinante da infelicidade dos indivíduos, ressaltando que a apreensão da felicidade possui dois lados: uma meta positiva e uma meta negativa. A negativa quer a ausência da dor e do desprazer; a meta positiva quer a vivência de fortes prazeres. A felicidade volta-se para a segunda meta. Ou seja, a felicidade vem de uma satisfação repentina de necessidades altamente represadas. Seguindo a mesma proposta, podemos compreender, de acordo com as teorias freudianas, que o sentimento de culpa se relaciona com a possibilidade de alguma ação do indivíduo ser reconhecida como “má”. O “mal” aqui, refere-se à perda do amor do Outro, portanto, por ser algo necessariamente “mal” deve ser evitada. Com isso, seria consequentemente esse elemento o início do desenvolvimento da consciência de culpa (como Freud apresenta na obra *Mal-estar na civilização*).

Ainda em relação à consciência de culpa, entende-se que o supereu atua como um regulador do eu. A origem do supereu, e consequentemente do sentimento de culpa, está diretamente vinculada ao tema da consciência moral. O supereu surge em decorrência do “fracasso” do princípio do prazer em eliminar o agente pulsional, cujo aumento proporciona desprazer ao aparato psíquico (MILLER, 1991). Essa instância é basicamente uma última tentativa de promover um ordenamento dos investimentos pulsionais, exigindo a renúncia pulsional em função de um ideal de eu. Entretanto, o sentimento de culpa revela que essa tentativa também fracassa. O fracasso manifesta-se

da seguinte forma: o agente pulsional não é totalmente eliminado, mas sempre resta algo durante essa operação que torna infinita a exigência da renúncia pulsional, fazendo com o que o indivíduo se sinta culpado por não corresponder ao ideal do eu.

Uma das origens do sentimento de culpa é resultado do complexo de Édipo, tendo em vista que o supereu originariamente é definido como herdeiro desse complexo, constituindo-se por meio de um processo de interiorização das exigências e das interdições parentais (LAPLANCHE; PONTALIS, 1988). O mito freudiano sobre a morte do pai inicia-se na idade adulta como resultado de culpa, produto das ações fantasiosas vividas na infância. Dessa forma, o desenvolvimento dessa culpa é mais intenso na fase adulta e surge como uma neurose que traduz o próprio adoecimento do sujeito. Esse sujeito se sente culpado porque esse sentimento de culpa subjaz a moralidade instaurada na civilização, tendo como objetivo evitar a autodestruição do indivíduo, configurada como masoquismo, além da destruição do outro – sadismo.

Todavia, a respeito do complexo de Édipo, é compreensível que ele seja interpretado não só pelo viés da recriminação incestuosa, mas ainda pela morte do pai. Nesse sentido, a culpa existe antes do ato que manifesta o sujeito como culpado, influenciando em sua realização, desdobrando-se esse sentimento. Portanto, o Édipo se constitui diante das relações afetivas com a mãe, que é o objeto de desejo e com o pai, objeto de amor pela identificação. Contudo, a presença paterna causa desconforto e atrapalha a realização do desejo do filho, que é o amor da mãe. Isso resulta no comportamento hostil do filho em relação ao seu pai, estabelecendo um antagonismo nesses sentimentos, que se apresenta por amor e vontade de eliminar o pai a fim de tomar seu lugar, o que conseqüentemente manifesta-se como culpa.

O sentimento de culpa devia ser, em determinado ponto, conseqüência de agressões não realizadas, mas em outra ocasião, e justamente no seu início histórico, o parricídio, conseqüência de uma agressão levada a cabo (FREUD, 1930, pág. 84).

Diante das acepções pertencentes ao mito freudiano, conclui-se que este descreve o processo de internalização de uma lei que é externa, expressando como esse impedimento simboliza uma perda de satisfação do indivíduo. Segundo Miller (1997), a interdição, ou impedimento, na satisfação pulsional pode ser entendida como conseqüência da nossa própria constituição como humanos.



O sentimento de culpa é compreendido por Freud como decorrente da renúncia pulsional, essa renúncia teria sua origem pautada na perda do amor do outro, no qual o indivíduo assume uma relação de dependência. A instância que exige essa renúncia é o supereu.

Freud a descreveu no quadro de sua segunda teoria do aparelho psíquico: o seu papel é assimilável ao de um juiz ou de um censor relativamente ao ego. Freud vê na consciência moral, na auto-observação, na formação de ideais funções do superego (LAPLANCHE; PONTALIS, 1988, pág. 497).

É importante trazer ainda o fundamento que contribui para o sentimento de culpa instaurado na sociedade, que resumidamente representa o medo da autoridade, autoridade esta vinculada à religiosidade. Ainda voltando-se para a teoria edipiana, a fundamentação religiosa possui uma relação com essa, à medida que aparece como configuração da moral. A religião, em linhas gerais, preocupa-se em dar conta da agressividade humana, da agressividade desferida ao pai. Tendo em vista que, segundo Freud afirma em sua obra *Mal-estar na civilização*, o ser humano, diante do descontrole em relação a natureza, entregue aos reveses da mesma, com seus terremotos, furacões e tempestades, e a impotência diante desses fenômenos, acaba por humanizá-los. Dessa forma, surgem os deuses, como uma alternativa ao fato de que o ser humano não é capaz de saber lidar com o imprevisível, e por assim dizer, esses fenômenos naturais, ao assumirem um caráter antropomórfico apresentam-se enquanto pais, como os criadores da humanidade, desenvolvendo-se então a religião.

Diante dessa nova configuração da natureza, aos olhos dos seres humanos, a natureza passa a representar simbolicamente a primeira relação que os indivíduos tinham com seus pais, e é lícito supor que exista coerência nessa representação, já que ambos referem-se aos provedores da vida, quem dá e quem pode tirá-la.

Mas isso se explica facilmente pelo original estágio infantil da consciência, que, portanto, não é abandonado após a introjeção parental; quando uma pessoa tem infortúnio, significa que não mais é amada por esse supremo, e, ameaçada por essa perda de amor, inclina-se novamente ante a representação dos pais no supereu, que no momento da fortuna tendia a negligenciar. Isso é particularmente claro quando, em sentido estritamente religioso, vemos no destino somente a expressão da vontade divina (FREUD, 1930, pág. 73).

Freud aponta que a religião não garante ao indivíduo a possibilidade de tornar-se feliz, associando a mesma a um processo de neurose obsessiva infantil ilustrando o seguinte:

“Eu não saberia indicar uma necessidade vinda da infância que não seja tão forte quanto a de proteção paterna. Desse modo, o papel do sentimento oceânico, que poderia buscar o restabelecimento do narcisismo ilimitado, é excluído do primeiro plano. Podemos rastrear a origem da atitude religiosa, em claros contornos, até o sentimento de desamparo infantil”. (FREUD, 1930, pág. 16).

Esse “sentimento oceânico”, vinculado à religião, expressa-se como uma fusão do indivíduo com o mundo, um “ser-um com o universo”, como Freud (1930) nos mostra. Apresentando-se como uma tentativa de negar o perigo que o “Eu” percebe, como ameaça, esse perigo volta-se para o mundo externo. A religião oferece ao homem promessas que potencialmente explicam os enigmas do mundo; além disso, assegura ao indivíduo uma cautela que será responsável por zelar pela vida desse indivíduo, compensando em outra vida as possíveis frustrações que surgirão no decorrer dessa vida. Freud ainda reforça que essas promessas se associam necessariamente a uma imagem paterna, tendo em vista que somente um pai “grandiosamente elevado” é capaz de compreender as necessidades da criatura humana e ceder as suas suplicas.

Ao trazer uma delimitação da questão religiosa, ou da religião, Freud traz consigo uma crítica a mesma, demonstrando que o fenômeno religioso está intrinsecamente ligado a uma ilusão e que a religião afasta o homem da realidade que o circunda.

### **2.3. A PERSPECTIVA DO PENSAMENTO PESSIMISTA SOCIAL EM FREUD**

Segundo Freud, a renúncia das nossas pulsões, que fora anteriormente desenvolvida no decorrer desse projeto, teria como resultado a afirmativa de que a sociedade fracassou em proporcionar a felicidade que se espera por ela.

A dificuldade que os seres humanos possuem em suas relações é destacada pelo mesmo autor como fonte da infelicidade de que mais nos queixamos, mostrando os malefícios referentes ao projeto civilizatório, tendo em vista que, ao tentar estabelecer um

regulamento padronizado da forma de vida mais harmônica entre cada indivíduo, acaba por deteriorar a própria civilização.

Descobriu-se que o homem se torna neurótico porque não pode suportar a medida de privação que a sociedade lhe impõe, em prol de seus ideais culturais, e concluiu-se então que, se estas exigências fossem abolidas ou bem atenuadas, isto significaria um retorno a possibilidade de felicidade (1930, pág. 32).

Paralelamente, o autor esclarece os avanços que a sociedade obteve ao longo dos anos, sobretudo em relação às áreas das ciências naturais e em sua aplicação técnica. Entretanto, mesmo diante de tantos progressos, a sociedade não elevou o seu grau de satisfação prazerosa esperada e conseqüentemente não fez seus membros sentirem-se mais felizes. Portanto, diante do apresentado, consideramos que o poder sobre a natureza não é a condição única da felicidade humana (FREUD, 1930, pág. 32).

A cultura enquanto mediação simbólica configura o problema que não pode ser superado, no entanto ela é insistentemente convocada a apresentar respostas eficientes. Essas respostas, sempre insuficientes e provisórias variam temporalmente e espacialmente, embora a condição do mal-estar permaneça.

De que nos serve a diminuição da mortalidade infantil, se justamente ela nos força a conter enormemente a procriação, de sorte que afinal não criamos mais filhos do que nos tempos anteriores ao domínio da higiene, mas por outro lado dificultamos muito a nossa vida sexual no casamento e provavelmente contrariamos a benéfica seleção natural? E, enfim, de que nos vale uma vida mais longa, se ela for penosa, pobre em alegrias e tão plena de dores que só poderíamos saudar a morte como redenção? (FREUD, 1930, pág. 33).

Posteriormente, Freud nos conduz a pensar que a civilização é como um mecanismo que impõe ao homem limitações quanto à sexualidade e à agressividade, em troca de regulações para a vida comum. Por isso, uma vez que o ser humano precisa de uma orientação que não é natural, a fim de regular suas emoções, a civilização emerge como construções de regras que se voltam para a regulação das relações entre cada indivíduo. Igualmente, por conta dessa atribuição qualquer tipo de regra imposta, ou seja, que partisse de um indivíduo ou um veículo externo, seria sentida como arbitrária e restritiva, uma vez que impõem mediações para a satisfação para a agressividade a sexualidade. É nesse contexto que Freud afirma “O homem civilizado trocou um tanto de felicidade por um tanto de segurança. (FREUD, 1930, pág. 52).

Mediante o apresentado, é inquestionável o caráter pessimista do autor para com o projeto civilizatório, levando-se em conta que a proposta freudiana associa o mal-estar como uma condição inerentemente vinculada a civilização, independente dos avanços que ela possa alcançar.

### **3. CONCLUSÃO**

O presente trabalho pretendeu compreender as primeiras investigações freudianas acerca do projeto civilizatório. Intentamos mostrar que a compreensão desse modelo, segundo Freud, é inevitavelmente pessimista em função do mal-estar instaurado na civilização ocidental. O projeto traz um aprofundamento das teorias culturais de Freud, elucidando a concomitância inerentemente conflituosa entre a civilização e a sexualidade, de acordo com a obra "O mal-estar na civilização".

Na obra mencionada, o autor afirma que os indivíduos buscam alcançar a felicidade; no entanto, o confronto angustiante dado pelas relações sociais entre os seres humanos afasta essa possibilidade do homem ser feliz. O conflito se expressa à medida que o ser humano estabelece uma construção cultural a fim de controlar as forças de sua natureza, e, conseqüentemente ter uma vida prazerosa, mas o homem permanece refém do próprio sofrimento à medida que se submete a uma repressão de suas pulsões para se adequar ao modelo cultural produzido por ele mesmo. O caráter conflitante é expressivamente inevitável, como o próprio autor sugere, trazendo consigo desdobramentos que se estendem até mesmo em relação à constituição dos princípios morais. No que diz respeito à perspectiva pessimista freudiana, pode-se notar que ela está relacionada à impossibilidade de efetivação do prazer além do repentino confronto com o sofrimento, que segundo Freud provém das relações entre os indivíduos.

Com a finalidade de atingir uma compreensão do originário do pensamento pessimista freudiano, bem como explicar sua relação com o mal-estar da civilização, procuramos descrever a noção da psicogênese do mal-estar da civilização, demonstrando o conceito de renúncia pulsional, segundo Freud. Visamos esclarecer a progressão da gênese do pessimismo social em relação ao mal-estar, segundo o autor. Confirma-se que esse mal-estar subjaz à renúncia pulsional como um elemento da cultura que transmite aos seres humanos o sentimento de culpa, convertido no próprio mal-estar e no distanciamento inerente à felicidade. O ceticismo do autor esclarece a sua compreensão pessimista para com o projeto civilizatório.

"A meu ver, a questão decisiva para a espécie humana é saber se, em que medida, a sua evolução cultural poderá controlar as perturbações trazidas à vida em comum pelos instintos humanos de agressão e autodestruição. Precisamente quanto a isso a época de hoje merecerá talvez um interesse especial. Atualmente os seres humanos atingiram um tal controle das forças da natureza, que não lhes é difícil decorrerem a elas para se exterminarem até o último homem. Eles sabem disso; daí, em boa parte, o seu atual desassossego, sua infelicidade, seu medo." (FREUD, 1930, pág. 93).

#### **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer**. In *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* (vol. 18). Rio de Janeiro: Imago, 1996. Obra original publicada em 1920.

\_\_\_\_\_. **Interpretação dos sonhos. Vol IV.** Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Companhia das Letras, 1900.

\_\_\_\_\_. **Mal-estar na civilização** (Paulo César de Souza, trad., vol. 18, pp. 13-123). In *Obras completas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Obra original publicada em 1930.

\_\_\_\_\_. **Caráter e erotismo anal.** In: *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 9. Rio de Janeiro: Delta Editora, 1996. Obra original publicada em 1908.

\_\_\_\_\_. **O ego e o id.** In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 13-82). Rio de Janeiro: Imago, 1996. Publicado originalmente em 1923.

\_\_\_\_\_. **O futuro de uma ilusão.** In *Coleção Os Pensadores*. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. São Paulo: Abril Cultural, 1978. Obra original publicada em 1927.

\_\_\_\_\_. **Totem e Tabu.** In *Obras completas*, v. XI. (Tradução de Paulo César de Souza). 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. Trabalho original publicado em 1913.

\_\_\_\_\_. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade.** In: *Edição Livros do Brasil, Tradução de Jayme Salomão*, 1997. Obra original publicada em 1905.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da psicanálise.** São Paulo, Martins Fontes, 10ª edição, 1988. p. 707-707.

ROUDINESCO, Elizabeth. **Dicionário de Psicanálise/Elisabeth Roudinesco, Michel Plon.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1944.